



Esta edição possui o mesmo texto ficcional da edição anterior.

O senhor da água

© Rosana Bond, 2006

Gerência editorial Kandy Saraiva

Edição Laura Vecchioli

Gerência de produção editorial Ricardo de Gan Braga

ARTE

Narjara Lara (coord.), Nathalia Laia (assist.)

Projeto gráfico & redesenho do logo Marcelo Martinez | Laboratório Secreto

Capa montagem de Marcelo Martinez | Laboratório Secreto sobre ilustração de Gregório Moreira

Editoração eletrônica Narjara Lara

REVISÃO

Camila Saraiva

ICONOGRAFIA

Sílvio Kligin (superv.), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

Crédito da imagem Margaret Waterkemper (p. 170)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B694s

2. ed.

Bond, Rosana

O Senhor da Água / Rosana Bond. - 2. ed. - São Paulo : Ática, 2017.

176 p. (Vaga-Lume)

Apêndice

ISBN 978-85-08-18466-8

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Título. II. Série.

17-40013

CDD: 028.5

CDU: 087.5

CL 739852

CAE 619882

2017

2ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

ea

editora ática

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A., 2017

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros - São Paulo - SP - CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061 - atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.





O Senhor da Água

ROSANA BOND

Série Vaga-Lume

ea

editora ática

Sem água

FLORIANÓPOLIS É UMA BELA ILHA COM PRAIAS PARADISIÁCAS. Embora a capital de Santa Catarina seja rodeada pelo mar por todos os lados, seus habitantes sofrem com as constantes interrupções de fornecimento de água, principalmente no verão, com a chegada de milhares de turistas.

É nessa região que vem se instalar um perverso cientista estrangeiro, que pretende levar a cabo um plano catastrófico: apropriar-se de nossos reservatórios e poluir todos os rios, para assim fazer fortuna, vendendo o cobiçado líquido a preço de ouro.

Como se não bastasse, pretende também encontrar e destruir a “pedra dessalinizadora” que, de acordo com uma lenda indígena, se localiza na região e tem o poder de tornar potável toda a água dos oceanos. Assim, definitivamente, ele seria o Senhor da Água, o dono de toda a água do planeta.


Os jovens Senghor, Joana e Pacha descobrem o plano e tentam impedi-lo. Mas como vão conseguir se o cientista já está de olho neles e só espera uma oportunidade para pôr as mãos nos pequenos intrusos?

Acompanhe as aventuras de nossos jovens heróis e torça muito por eles. Afinal, qualquer erro pode ser fatal, e corremos o risco de ficar sem água para sempre!

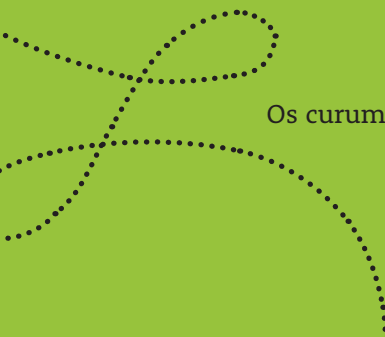


sumário

<i>capítulo 1.</i>	
Ameaça de morte	11
<i>capítulo 2.</i>	
Vai arriscar, comadre?	15
<i>capítulo 3.</i>	
Uma bandida	19
<i>capítulo 4.</i>	
A armadilha	24
<i>capítulo 5.</i>	
Um esconderijo	28
<i>capítulo 6.</i>	
Fazendo suspense	32
<i>capítulo 7.</i>	
Não é esquisito?	36
<i>capítulo 8.</i>	
Fora daqui!	40
<i>capítulo 9.</i>	
A sombra curiosa	43
<i>capítulo 10.</i>	
É mentira!	47
<i>capítulo 11.</i>	
A “festa da seca”	50
<i>capítulo 12.</i>	
Um dos maiores do mundo	53
<i>capítulo 13.</i>	
Fujam!	56
<i>capítulo 14.</i>	
Tremenda enrascada	60



<i>capítulo 15.</i>	
Tesouro enterrado?	64
<i>capítulo 16.</i>	
Abafando um grito	68
<i>capítulo 17.</i>	
O homem da metralhadora	72
<i>capítulo 18.</i>	
Um famoso cientista	76
<i>capítulo 19.</i>	
Um relógio solar?	80
<i>capítulo 20.</i>	
Ossadas na cova do leão	84
<i>capítulo 21.</i>	
Um lugar fantasma	88
<i>capítulo 22.</i>	
Como num filme	91
<i>capítulo 23.</i>	
O código secreto	94
<i>capítulo 24.</i>	
Uma palavra no dicionário...	97
<i>capítulo 25.</i>	
Que dia é hoje?	101
<i>capítulo 26.</i>	
Então é aqui!	104
<i>capítulo 27.</i>	
Os curumins buscam a verdade	108
<i>capítulo 28.</i>	
Escapando pela noite	112



<i>capítulo 29.</i>	
Ratos na ratoeira	116
<i>capítulo 30.</i>	
Não me interrompa!	120
<i>capítulo 31.</i>	
Sangue ruim	124
<i>capítulo 32.</i>	
Um botão é apertado...	128
<i>capítulo 33.</i>	
O dia D	132
<i>capítulo 34.</i>	
Apenas cinco minutinhos	136
<i>capítulo 35.</i>	
E ele sumiu...	140
<i>capítulo 36.</i>	
“Operação Dedo”	143
<i>capítulo 37.</i>	
A profecia dos índios	147
<i>capítulo 38.</i>	
O espírito falou...	151
<i>capítulo 39.</i>	
Ninguém sai daqui!	155
<i>capítulo 40.</i>	
Tudo errado	159
<i>capítulo 41.</i>	
O cerco	163
<i>capítulo 42.</i>	
A pedra mais poderosa	167
<i>Saiba mais sobre Rosana Bond</i>	170



1. Ameaça de morte

— O BAIRRO TÁ SEM ÁGUA DE NOVO! Fala pros teus pais economizarem! — disse a Pacha o rapaz da guarita de segurança do prédio, ao mesmo tempo que entregava à garota um aviso do síndico.

Ela não estranhou. Florianópolis sempre sofrera com a falta de água. Mas de alguns anos para cá estava muito pior.

Diziam que a causa era a chegada em massa de novos moradores. Milhares de pessoas estavam se mudando para a capital catarinense, em busca daquilo que era divulgado pela propaganda: “Um paraíso de vida calma e lindas praias”.

A garota suspirou. Sabia o que a esperava: banho de caneca, roupa suja amontoada, o pai reclamando do preço da água mineral e a mãe, da sujeira dos corredores não lavados do edifício.

Abriu a mochila para guardar o comunicado do síndico e viu seu boletim cuidadosamente colocado entre os cadernos. No mesmo instante se esqueceu das torneiras secas. “Sexta

série*! Aí vou eu!” Pela milésima vez naquela manhã, vibrando, ela conferiu as boas notas.

“Para falar a verdade, tive sorte de passar direto em Português...”, admitiu, repondo o boletim na mochila.

Pacha era uma excelente aluna, mas pelo fato de seus pais serem peruanos vivia tendo que se cuidar para não tropeçar na língua.

Ainda que fosse brasileira, nascida ali mesmo em Florianópolis, sempre achara complicado não misturar o português com o espanhol. Eram muito parecidos. Quando ficava nervosa ou se sentia insegura, então, era fatal... lá vinha o intrometido castelhano.

Fora isso, para dificultar ainda mais, seus pais falavam também o quéchua, idioma dos antigos incas. Essa língua era oficial no Peru, como o espanhol. O seu próprio nome, Pacha, era quéchua e significava “Terra”.

O aspecto da jovem também não negava a origem índia. Olhos puxados, pele acobreada, cabelos negros e lisos — os quais ela sempre ajeitava em duas tranças compridas.

Pacha já subira o primeiro degrau da escada, que levava à recepção, quando viu a pequena Joana atravessar correndo o amplo gramado do prédio. A menina, filha da empregada da família de Pacha, pulou velozmente os canteiros de flores e meteu-se dentro de uns arbustos.

.....

* Atual sétimo ano do Ensino Fundamental II. (N.E.)

“*Taita**, que que tá acontecendo?”, perguntou-se Pacha, intrigada. Parou na escada e ficou olhando. Após um instante de dúvida — era hora do almoço e seus pais detestavam atrasos —, a curiosidade venceu. Decidiu seguir a outra.

A garota sabia que no ponto onde Joana sumira, escondido pelos arbustos, havia um portãozinho. Ele dava para uma pequena praça malcuidada, com armações de brinquedos infantis quebrados e coberta por uma areia suja.

Balançando as tranças, disparou até o portão. Já ia atravessá-lo, quando viu Joana falando com um desconhecido. Rapidamente abaixou-se atrás dos arbustos.

Por uma fresta entre os galhos, Pacha conseguiu ver a menina. E ela estava pálida, mais branca que a blusa branca do uniforme da escola, que usava naquele momento.

O desconhecido era um adolescente, de cara enfarruscada, que segurava um celular, vestia uma touca e... “*Taita!*”, assustou-se Pacha. “*Una arma...* Ele tá armado!” Por baixo da camiseta dava para ver uma pistola enfiada no cós da calça do rapaz.

— Eu... eu não tinha pedido pra vocês não ligarem aqui pro apartamento da patroa da minha mãe? — Pacha ouviu Joana dizer, num fio de voz.

— Ligo pro céu! Ligo pro inferno! Ligo pra onde eu quiser, sua merdinha! — gritou o rapaz, sacudindo o celular no rosto da menina. — E aí? Quando é que tu vai começar a entregar o bagulho no teu colégio?

.....

* *Taita* é uma palavra quéchua que significa “Pai”, “Deus”.

Ao ouvir aquilo Pacha estremeceu.

— Não... não posso... — balbuciou Joana, baixando os olhos claros, e com a mão tremendo tirou a franjinha loira que grudara na testa por causa do suor.

— Ah, pode. Pode, sim... — o rapaz riu com ironia e levantou a barra da camiseta, mostrando a pistola.

O medo fazia Joana se encolher. Era miúda e magricela, não aparentava os dez anos que tinha, mas agora parecia menor ainda.

— Não dá... sujou... fui expulsa da escola...

— Treta!

— Pô, juro! Fui expulsa hoje. De amanhã em diante não posso mais entrar lá e...

— Cala a boca! — o rapaz agarrou a menina pela gola. — Se tu não distribuir a encomenda, o chefe vai mandar invadir teu barraco na favela. Dança tu e tua mãe junto, tá ligada? Hein, tá ligada?

— Ma... mas... — gaguejou Joana. Ela mal conseguia falar, sufocada pelo pavor e pela pressão da blusa apertada em sua garganta.

— “Mas” nada! Pensa que o chefe não sacou que tu tá enrolando? Faz uma cara de tempo que tu tá marcada, otária! Ou faz ou morre! Última chance!

O rapaz jogou a menina no chão de areia.

— Merdinha...

Guardou o celular no bolso, arrumou a touca e saiu. Saiu devagar, assobiando, como se nada tivesse acontecido.



2. Vai arriscar, comadre?

— VENHA, VAMOS PRA CASA...

Pacha cruzara o portãozinho e agora estendia a mão para ajudar Joana a levantar-se. Mas a menina fechou a cara.

— Tá limpo — disse, desprezando a mão estendida.

Sacudiu a areia do uniforme e deu as costas à outra, correndo para o prédio. Pacha disparou atrás. Joana tentou fechar a porta do elevador para a jovem não passar, mas esta a travou com o pé e entrou.

— Esse cara é traficante, não é? — Pacha encarou Joana.

A pequena não respondeu. Apenas apertou o botão do terceiro andar, irritada.

— Te liga no que eu vou te dizer, sua vacilona — falou finalmente, empurrando, brusca, a porta do elevador. — Se você abrir a boca, te entrego pra eles!

— *No, no...*

— *No nada.* Te entrego pros traficantes. Eles te apagam aqui na rua, no teu colégio, onde for. Tá ligada?

— Você não teria coragem...

A pequena tocou a campainha do apartamento e sorriu, desafiante:

— Vai arriscar, comadre?

Pacha assustou-se. À sua frente estava uma Joana que ela não conhecia. Não era a linguagem que estranhava, isso não, que a pequena sempre falara daquele jeito. Tanto que seus pais, quando a mãe de Joana começou a trabalhar ali, até torciam o nariz ao ouvi-la.

Mas depois tinham entendido que a menina, embora passasse parte do tempo com a família no prédio, convivía mesmo era no mundo da favela, onde morava e estudava. E onde as pessoas, a maioria gente honesta e trabalhadora, tinham seu modo próprio de falar.

Um dia seu pai chegara a comentar o caso com uma colega, professora da Universidade como ele. E ficara sabendo que algumas escolas de favelas, em vez de brigarem inutilmente contra a linguagem dos alunos, estavam incentivando composições de samba ou *rap* em que as letras eram feitas dos dois jeitos: com gíria e sem gíria. Assim, conseguiam ensinar o português comum, mas sem desprezar o modo de se expressar das crianças.

Não, não era o *idioma* da menina que apavorava Pacha. Era a agressividade...

Nisso, Edite — a mãe de Joana, empregada da casa — atendeu a porta.

— Até que enfim chegaram! — alegrou-se, limpando as mãos no avental. Em seguida fixou o olhar na filha.

— E aí, dona Joana, onde é que a senhora foi? Não me faça mais isso! Vem da escola, joga a mochila na cozinha e sai correndo sem me avisar onde que tá indo...

Edite era uma mulher enérgica. Carinhosa e atenciosa com a filha, mas brava como ela só.

As duas meninas entraram na sala. O casal estava quase terminando de almoçar. Pela cara deles, Pacha viu que iria levar um raspe.

— Hoje sem *televisión* para você! — decretou o pai, irritado, apontando as cadeiras vazias para elas sentarem.

— Mas *yo*... mas eu...

— Já não falei que quero você aqui ao meio-dia em ponto? Já é quase uma hora e eu vou chegar atrasado na faculdade por tua culpa.

— Onde é que você estava? — indagou a mãe.

— Eu... eu... — sem saber o que fazer, Pacha levantou-se e, toda atrapalhada, pegou o aviso do síndico na mochila e o entregou à mãe. Enquanto esta lia e resmungava contra a falta de água — ao mesmo tempo que ia à cozinha avisar Edite para economizar —, o pai mostrou que não se deixara enganar:

— Vamos, responda. Onde é que você estava?

Ao ouvir a cobrança, Pacha sentiu-se perdida. E, assim perdida, optou pelo silêncio. Mirou a mãe que voltara à sala, mirou também Joana, baixou a cabeça e deu uma garfada no prato.

— Uma semana sem *televisión*! *Jayrata*... castigo! — decretou o pai, perdendo a paciência.